UMA LEITURA SOBRE AS NARRATIVAS DO FILME *BACURAU:* DISTOPIA E REALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A READING ON THE NARRATIVES OF THE FILM *BACURAU*: DYSTOPIA AND REALITY IN CONTEMPORARY BRAZIL

Andréia Zulato Marçolla
Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa
andreiazulatom@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1760-0443

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as narrativas do filme Bacurau (2019), traçando um paralelo entre a distopia vivenciada em uma comunidade localizada no agreste nordestino, e a realidade do Brasil contemporâneo. Os personagens da história são apresentados como heróis, defendendo seu território e sua identidade cultural, e como vilões, os forasteiros e invasores perversos, sedentos de sangue, dominados pela fúria de matar por diversão. A analogia com a realidade se estabelece através da contextualização de fatos ocorridos na contemporaneidade do Brasil, expondo problemas sociais como a violência, a corrupção, o descaso do poder público com a saúde, educação e cultura, o preconceito, a xenofobia, o racismo e a desigualdade social. Propõe-se uma reflexão sobre a importância de se reivindicar os direitos dos cidadãos, em defesa da identidade, história e memória de um povo, através da resistência, lutando bravamente contra as adversidades e a opressão impostas pela sociedade.

Palavras-chave: Identidade Cultural. Resistência. Violência. Distopia.

Abstract: This article aims to analyze the narratives of the film Bacurau (2019), drawing a parallel between the dystopia experienced in a community located in the northeastern agreste, and the reality of contemporary Brazil. The characters in the story are presented as heroes, defending their territory and cultural identity, and as villains, the outsiders, and evil invaders, thirsty for blood, dominated by the fury of killing for fun. The analogy with reality is established through the contextualization of facts that occurred in contemporary Brazil, exposing social problems such as violence, corruption, the neglect of public power with health, education and culture, prejudice, xenophobia, racism and social inequality. A reflection is proposed on the importance of claiming the rights of citizens, in defense of the identity, history and memory of a people, through resistance, fighting bravely against the adversities and oppression imposed by society.

Keywords: Cultural Identity. Resistance. Violence. Dystopia.

Considerações iniciais

Minha formação em Comunicação Social, Jornalismo, e minha predileção pela área audiovisual, me fez trilhar alguns caminhos acadêmicos e profissionais, nos quais o cinema e a televisão estavam presentes. No meu TCC da graduação, na Universidade Federal de Juiz de Fora, analisei 10 filmes que contextualizavam a temática espírita, "A vida após a morte no cinema", em 1994, época em que pouco se abordava o assunto. Na minha dissertação de mestrado, na Universidade Federal de Viçosa, analisei 54 reportagens do Jornal Nacional sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, entre os anos de 1997 e 1998, época de vários conflitos agrários e da manipulação midiática contra a esquerda brasileira.

Já no momento atual, em que concluo uma pós-graduação em Cultura, Identidade e Região, na Universidade Estadual de Goiás, após 23 anos como docente do ensino superior, trabalhando com disciplinas de Ciências Sociais, e engajada em movimentos políticos para a restauração da democracia brasileira, despertou-me a motivação em analisar novamente as narrativas cinematográficas, com contextos de distopias, pelo viés da realidade brasileira, que às vezes nos apresenta distópica.

Elaborar uma leitura sobre *Bacurau*[1] não é uma tarefa simples. A ideia inicial do filme foi gestada em 2009. Em 2018, ele foi produzido e filmado, sendo lançado no Brasil em agosto de 2019, com roteiro e direção assinados pelos pernambucanos Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, apresentando narrativas complexas, com referências à realidade brasileira.

O filme fez carreira em festivais de cinema pelo mundo antes de chegar às salas comerciais do Brasil, em agosto de 2019. *Bacurau* foi ovacionado pela crítica na época de seu lançamento, o que levou o longa a ser o primeiro filme brasileiro premiado na categoria Prêmio do Júri do Festival de Cannes (Melhor Filme). O filme também teve outras premiações e indicações importantes no Brasil e no exterior[2].

Entretanto, apesar de receber boas avaliações, o filme foi muito criticado, principalmente com comentários de pessoas estrangeiras e, até mesmo, brasileiras, reduzindo o longa a um *western* nordestino, ou em uma ficção científica, com muito

[1]Vitrini Filmes. Disponível em: https://www.vitrinefilmes.com.br/filme/bacurau/

[2]https://pt.wikipedia.org/wiki/Bacurau_(filme)
Bacurau é o grande vencedor do 46º Festival Sesc Melhores Filmes: http://www.cinevitor.com.br/bacurau-e-o-grande-vencedor-do-46o-festival-sesc-melhores-filmes/

sangue, assemelhando-se à linguagem dos filmes do diretor Quentin Tarantino[3]. No entanto, a violência presente em Bacurau apresenta contextos diferentes das de Tarantino. No enredo, ela serve para fazer referência aos longas de terror norte-americanos, assim como também futuros distópicos, com linguagem parecida com a utilizada por John Carpenter[4], famoso por seus filmes de terror e ficção científica. O nome do diretor inclusive é homenageado na fachada da escola do município, de modo abrasileirado, tornando-se "João Carpinteiro".

Descrita como distópica[5], a história de *Bacurau* se passa em um futuro não muito distante "daqui a alguns anos", no sertão do Nordeste brasileiro. A sua sinopse oferece apenas algumas pistas para introduzir o espectador na narrativa:

> Num futuro próximo, Bacurau, um povoado do sertão de Pernambuco, some misteriosamente do mapa. Quando uma série de assassinatos inexplicáveis começam a acontecer, os moradores da cidade tentam reagir. Mas como se defender de um inimigo desconhecido e implacável? (MENDONÇA FILHO e DORNELLES, 2019 [Filme])

No filme, a pequena comunidade é localizada em Pernambuco, mas a paisagem de quase todas as cenas se localiza no povoado de Barra, no município de Parelhas, na região do Sertão de Seridó, no Estado do Rio Grande do Norte, onde muitos moradores participaram como figurantes da produção[6]. No ano de lançamento do filme, inúmeras críticas cinematográficas ganharam espaço em jornais, Tvs e revistas especializadas[7]. Além disso, dezenas de vídeos no YouTube e podcasts discutiram e analisaram o filme, não deixando de mencionar a produção de artigos científicos e outros trabalhos acadêmicos.

Abordar *Bacurau* se torna um desafio maior, pois é preciso apresentar algo novo, descortinando a distopia fílmica, traçando um paralelo com o Brasil

[3]Análise sobre os filmes do dirretor: https://www.youtube.com/watch?v=L6WZsmaJvpc .

[4]Conheça a obra do diretor: https://www.youtube.com/watch?v=TNLHtwS2tBQ

[5]Distopia significa uma utopia negativa, é uma filosofia a respeito do futuro imaginário, geralmente pessimista. O cinema utilizou essa linguagem em vários filmes sobre um futuro negro e cinzento, com cenários apocalípticos misturando com elementos retrô, em uma sociedade oprimida e alienada, controlada pela tecnologia, drogas e sob o comando de uma ditadura cruel. https://filmow.com/listas/filmes-distopicos-l100618/

[6]https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/08/25/conheca-a-cidade-que-serviu-de-cenario-para-bacurau.ghtml

[7]Síntese de críticas especilizadas em cinema: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-247818/criticas/imprensa/. Neste outro link, pode-se verificar um estudo sobre outras críticas e os contextos sociais abordados em Bacurau: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/234866

contemporâneo que, continuamente, apresenta-nos uma realidade factual gritante. Tal realidade ainda está estruturada em um passado de perversidade como o colonialismo, a escravidão, e, em um presente de mazelas sociais, como as diversas formas da violência, o genocídio dos povos indígenas, o racismo, a xenofobia, a homofobia, o domínio hegemônico do sistema capitalista, o globalitarismo, o nazifascismo, o descaso com a saúde e educação, o negacionismo científico, o clientelismo, a corrupção política, dentre outros.

As referências teóricas utilizadas para embasar esta análise estão pautadas na Antropologia, Sociologia, Filosofia, Historiografia Brasileira e Geografia Cultural. Ao pensar no Brasil do passado e do presente, temos uma fotografia panorâmica do filme Bacurau. A identidade cultural, o pertencimento, a mobilização social, a memória histórica, a resistência e luta pela defesa do território e da liberdade (contra o invasor da distopia, que nos lembra tanto o colonizador do passado, quanto os golpistas e terroristas do presente), configuram-se como fios condutores para as representações estampadas no filme.

Ao assistir *Bacurau*, é inevitável não querer debatê-lo, refletir sobre a importância do Museu e da Escola, o respeito à saúde e à ciência, pesquisar sobre o tema psicotrópico, compreender a distopia apresentada, refletir sobre as categorias de análise geográficas e mergulhar no rico universo das personagens apresentadas, entre elas: Carmelita (Lia de Itamaracá[8]), Plínio (Wilson Rabelo), Domingas (Sônia Braga[9]), Lunga (Silvero Pereira), Teresa (Bárbara Colen), Pacote (Thomas Aquino), Damiano (Carlos Francisco). Afinal, “quem nasce em Bacurau é o que, heim? É gente”, gente como a gente. E para não deixar de citar os opressores apresentados no filme, é preciso também mencioná-los, pois se apresentam como a personificação da perversidade e da barbárie humana, ou desumana, dentre eles: o alemão-estadunidense-nazista Michael (Udo Kier), seus seguidores-caçadores, os forasteiros do Brasil do Sul (Karine Teles e Antônio Saboia) e o prefeito de Serra Verde, o corrupto que almeja a reeleição Tony Júnior (Thardelly Lima), que vende seu “povo” para a prática de safari humano, deixando “passar a boiada”.

[8] Maria Madalena Correia do Nascimento, artista pernambucana, dançarina, compositora e cantora de ciranda brasileira, uma lenda viva da cultura da região. Lia de Itamaracá já havia atuado no filme Recife Frio, também do diretor Kleber Mendonça Filho.

[9] Atriz brasileira de renome internacional. Já havia atuado no filme de Kleber Mendonça Filho, Aquarius.

Mas Bacurau não é um filme que fala apenas de vilões e heróis. Vai além. Fala de solidariedade, apresenta a essência do "engajamento social" em prol da sobrevivência de uma comunidade, mostrando também a desumanidade dos genocidas. O Bacurau filme e o pássaro noturno bacurau (que não é um passarinho), estão vivos na história do cinema brasileiro (metaforando os enquadramentos e narrativas fílmicas de Glauber Rocha), na história dos cangaceiros, no descaso do poder público, na seca do agreste e nas narrativas dos sertões nordestinos, "brabos" por natureza, viscerais em suas representações identitárias.

Desta forma, vamos visitar o Museu de Bacurau! Mas antes, uma pergunta: você já viu Bacurau? Um aviso: este conteúdo contém *spoilers* da nossa realidade e basta um olhar crítico que você os sentirá na pele, na alma, conduzido(a) pela sua sensibilidade.

Uma canção de amor para Bacurau

O primeiro olhar do espectador sobre *Bacurau* se passa no espaço sideral, ao som nostálgico de "Não identificado"[10] (1969), música composta por Caetano Veloso, com arranjo de Rogério Duprat, na voz imortal de Gal Costa, sob a estética tropicalista[11]. "Eu vou fazer uma canção pra ela/ Uma canção singela, brasileira/ Para lançar depois do carnaval/ [...] Minha paixão, há de brilhar na noite/ No céu de uma cidade do interior/ Como um objeto não identificado".

Uma canção de amor ao Nordeste brasileiro, que se destaca na "Terra redonda" [12] e aterrissa no sertão nordestino como num disco voador. A referência ao filme "2001 uma Odisseia no Espaço"[13] (1968) fica evidente. *Bacurau*, aliás, é repleto de referências musicais, cinematográficas e literárias que vão se revelando com a narrativa, incorporada de vários gêneros: ficção-científica, suspense, terror, drama, ação, *western*.

[10] Ouça Não identificado: https://open.spotify.com/track/1udxfZkmdsj3FcvcBrQoix.

[11] A tropicália ou tropicalismo foi um movimento cultural que atingiu, sobretudo, a música brasileira a partir da década de 60. https://www.politize.com.br/movimento-tropicalia/

[12] A expressão Terra redonda se opõe ao negacionismo da Terra plana. https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/a-terra-plana.htm

[13] Uma análise sobre o filme 2001 um odisséia no espaço: https://www.youtube.com/watch?v=vCTkznGFc90

Não pretendo nesta leitura do filme *Bacurau* descrever cena por cena, apesar de ter elaborado um minucioso relato fílmico. No entanto, algumas cenas precisam ser descritas, assim como as personagens apresentadas, além de transcrições de falas que impactam pelas metáforas e sutilezas apresentadas. Em uma das primeiras cenas de *Bacurau*, deparamo-nos com a médica Teresa, voltando ao povoado, de carona em um caminhão pipa, o qual abastece a cidade, já que a água foi privatizada. Teresa carrega uma mala vermelha, contendo um isopor térmico com vacinas, dentre roupas e objetos pessoais. Estas vacinas são recebidas com todo cuidado pelos moradores da comunidade: "Chegou a mala. Cuidado com a mala." Todos estavam reunidos no velório de Dona Carmelita, avó de Teresa, a matriarca de Bacurau.

Dona Carmelita, que faleceu aos 94 anos, aparentemente era a líder da comunidade. Reverenciada como um ser espiritual, ela parte do plano físico, deixando um legado de cultura, fé e esperança. Seu filho, o respeitado professor Plínio, pai de Teresa, homenageia a memória da mãe, narrando sobre sua descendência cheia de afetos e diversidade. Seus frutos, espalhados pelo mundo, são a prova de que suas raízes foram alicerçadas com amor e respeito.

> Teve filho, neto, neta, bisneto, afilhado e teve muito amigo. A família tem de pedreiro a cientista, tem professor, tem médico, tem arquiteto, michê e puta, mas ladrão ela não gerou. Tem gente em São Paulo, Europa, Estados Unidos, tem gente na Bahia, Minas Gerais...muita gente não pôde vir aqui hoje prestar homenagem a ela, por causa do problema da nossa região, mas eles mandaram muita ajuda, muita ajuda pra Bacurau. Isso é prova de que **Carmelita e Bacurau estão em todos eles.** [GRIFO DA AUTORA]

Ainda nestas cenas iniciais, conhecemos a médica Domingas, amiga de Dona Carmelita. Ela comparece ao velório embriagada pela dor da perda e do inconformismo, chegando a insultar a memória da matriarca. Também nos é apresentada uma sementinha, consumida pelos moradores e cultivada por Damiano. Voltaremos a falar sobre ela adiante. No cortejo de Dona Carmelita, é cantada uma das principais trilhas sonoras do filme, cheia de simbolismos e representações. "Bichos da noite"[14] (1967), de Sérgio Ricardo, responsável pela trilha sonora do filme

[14] Ouça Bichos da Noite: https://open.spotify.com/track/6e6P3kti3R8wF36X3fMmc1.

"Deus e o diabo na terra do sol" [15] (1964), de Gláuber Rocha[16]. "Bichos da noite" nos apresenta o pássaro bacurau: "São muitas horas da noite/ São horas do bacurau/Jaguar avança dançando/Dançam caipora e babau [...]"

O pertencimento

Algumas referências importantes podem ser destacadas mediante as cenas iniciais do filme. O contexto da identidade cultural é um dos principais norteadores da obra, reveladas pelas personagens que vivem em comunidade no povoado de Bacurau. Existe uma cumplicidade entre eles, um sentimento de pertencimento àquele território. Como o filme se apresenta em uma narrativa distópica, analisar a identidade cultural nos remete às teorias de Stuart Hall, que discorre sobre o sujeito sociológico, no qual a identidade não é só uma imagem, mas ela se molda em suas práticas sociais, no tempo e no espaço, tendo o sujeito o domínio sobre ela. (HALL, 2014)

No que se refere ao contexto de identidade, território e pertencimento, no âmbito dos estudos de Geografia Cultural, é preciso mencionar as referências de Bernardes (1982) sobre os temas:

> Nas relações entre o homem e o meio, o homem não é um mero elemento passivo; ele é sobretudo um agente e sua ação é tanto mais antiga quanto mais desenvolvida a técnica de que é portador. Embora muitas vezes as condições naturais oferecidas sejam tão extremamente severas que o homem delas não se desembaraça inteiramente, os elementos do meio não são fatores aos quais a evolução das sociedades se submete inflexivelmente. Dentre as condições oferecidas pelo meio, o homem escolhe as de maiores possibilidades para a sua sobrevivência e o seu desenvolvimento cultural. (BERNARDES, 1982, p. 397).

Desta forma, compreende-se que, em Bacurau, encontramos modos de vida de seus moradores que compartilham as manifestações espaciais e que são importantes na constituição de suas práticas socioculturais, sua identidade cultural e suas territorialidades vividas. Outro aspecto a ser analisado é o processo de (re)terreação, caracterizando o retorno dos habitantes aos lugares e territórios vividos

[15] Assista Deus e o diabo na terra do sol: https://www.youtube.com/watch?v=RyTnX_yl1bw.
[16] Analisando a obra do cineasta brasileiro Glauber Rocha: https://www.youtube.com/watch?v=mzXBPFS9Rs4

na infância e na adolescência, como ocorreu com a personagem Teresa. O processo, com o advento dos meios de comunicação e transporte, resulta em maior interconectividade territorial dos moradores do povoado, caracterizando uma migração dos grandes centros urbanos aos seus lugares de vida afetiva. No caso de Bacurau, evidencia-se a limitação de voltar ao lugar de origem, devido às condições ambientais, como a seca e as estradas esburacadas (retratadas na fala do professor Plínio), que vão além da paisagem natural, pois se caracterizam como paisagem humana, por ter sofrido o impacto da ação do homem, seja direta ou indiretamente.

Voltando ao pensamento de Hall (2014), em sua obra, *A identidade cultural na pós-modernidade*, o autor aponta algumas configurações identitárias. Dentre elas, considerando a distopia do filme, as questões de gênero, raça, classe e etnia são muito bem expostas no convívio de uma comunidade onde existe uma harmonia social, sem exclusões, sem preconceitos, com liberdade sexual, livre de tabus, sem hierarquias, livre das amarras institucionais, mas com funções bem definidas, apesar de conviverem com o descaso do poder público, como a falta de abastecimento de água, o desrespeito com a saúde e a educação. Esta comunidade possui uma forte coesão social, ignorando as amarras políticas e não se submetendo à coerção do Estado.

Necropolítica

Relembrando as concepções de Virtú e Fortuna do filósofo Nicolau Maquiavel (2011), é preciso contextualizar a analogia a ser estabelecida. Maquiavel analisa as atitudes que devem ser tomadas pelo governante e apresenta a ideia de virtú como sendo um componente essencial que o príncipe deve possuir. Um homem de autêntica virtú jamais poderá ser completamente derrotado, sequer pela fortuna. Sobre este contexto, Chauí (1994) argumenta:

> Maquiavel inaugura a ideia de valores políticos medidos pela eficácia prática e pela utilidade social, afastados dos padrões que regulam a moralidade privada dos indivíduos. O ethos político e o ethos moral são diferentes e não há fraqueza política maior do que o moralismo que mascara a lógica real do poder. (CHAUÍ, 1994, p. 397).

Mediante esta reflexão filosófica, faremos então a conexão entre Tony Junior (ficção) e Jair Messias Bolsonaro (realidade). Quando o prefeito de Serra Verde visita Bacurau, os moradores se escondem, ou seja, negam a presença do poder, da instituição Estado, do status de dominação e paternalismo eleitoral. As cenas dos livros sendo descarregados de um caminhão, em frente à escola, podem ser interpretadas pelo viés da educação sendo tratada como lixo, ou algo sem valor, irrelevante culturalmente. No Brasil contemporâneo, a educação também foi sucateada, do ensino infantil, ao ensino superior[17]. Cortes de verbas, ataques às universidades, a implantação do novo ensino médio, a politização da escola sem partido e a militarização das escolas, são alguns exemplos. A virtú, do prefeito de Bacurau e do ex-presidente do Brasil, foram desenvolvidas sob a vertente da necropolítica, ou seja, uma política da morte, da antidemocracia, da irresponsabilidade social, da omissão.

Outra cena impactante de *Bacurau*, foi a "doação", pelo prefeito, de alimentos vencidos e medicamentos entorpecentes, remetendo-nos novamente ao Brasil contemporâneo que vivenciou, e ainda vivencia, uma pandemia na saúde pública. Em uma importante cena de *Bacurau*, os alimentos e medicamentos são expostos sobre uma mesa a céu aberto, com a presença dos moradores. O professor Plínio e a médica Domingas orientam sobre os produtos e ressaltam que a divisão entre eles deve ocorrer de forma consciente. Na transcrição da fala de Domingas, evidencia-se a preocupação com a saúde dos moradores e o alerta para o medicamento deixado em Bacurau pelo prefeito de Serra Verde: "[...] quero chamar a atenção de vocês para essa caixa Brasol 4 que Tony Júnior deixou aqui na cidade. Remédio tarja preta, com distribuição gratuita, sem prescrição médica [...]" E a médica ainda ressalta: "É um inibidor do humor e comportamento, só que disfarçado de um analgésico forte. É um remédio consumido no Brasil inteiro, por milhões de pessoas, e não me perguntem por que, em forma de supositório [...]"

Este contexto relacionado à saúde, mencionando o medicamento que aliena as pessoas, leva-nos a outra reflexão do que vivenciamos no Brasil contemporâneo. Para além da crise da saúde, instaurada na pandemia da Covid-19, com a prescrição da cloroquina, e outros medicamentos sem eficácia comprovada, o

[17] https://revistaforum.com.br/politica/2022/10/6/governo-bolsonaro-promove-desmonte-da-pesquisa-educao-infantil-do-ensino-medio-124503.html

problema das notícias falsas, das *fake news* e da desinformação, disseminada por grande parte da população, configura-se também em um processo de alienação, de abalo na saúde mental, desencadeando o problema da chamada dissonância cognitiva coletiva. O vírus da desinformação, viralizado pelas redes sociais por uma população entorpecida por uma ideologia nefasta, desenvolveu um efeito contrário ao descrito em Bacurau. Neste contexto é importante mencionar o trabalho de Rocha (2021):

> A dissonância cognitiva é o motor das massas digitais bolsonaristas. [...] No universo das redes sociais, além de evitar informação que produza dissonância, as massas digitais buscam a confirmação de suas crenças no grande supermercado contemporâneo de fatos alternativos, notícias falsas e teorias insensatas, isto é, o YouTube, que se transformou numa máquina delirante, produtora sistemática de desinformação ao gosto do cliente. [...] quanto mais exitoso for o bolsonarismo, maior será o colapso administrativo do governo Bolsonaro [...] (ROCHA, 2021, p. 346 e 348)

A conformidade sem contestação social, a alienação causada pelo "supositório fictício", transfigura-se, na realidade brasileira, no discurso de ódio, na intolerância religiosa, na xenofobia com os nordestinos, nos ataques terroristas à democracia, ocorridas no dia 08 de janeiro de 2023, na Praça dos Três Poderes, em Brasília[18], no racismo estrutural, na misoginia, na homofobia, no crescimento de células neonazistas e fascistas[19], no culto aos falsos profetas e falsos messias, nas "cidades" montadas junto aos quartéis generais[20], sem mencionar alguns personagens específicos, como o patriota do caminhão, os patriotas rezando para um pneu, ou na falta de educação dos bolsonaristas que defecaram no Supremo Tribunal Federal.

Com todo este contexto da realidade contemporânea brasileira, é inevitável não fazer essas analogias com o que se presenciou no Brasil, entre os anos de 2018 e 2022, no governo de Jair Bolsonaro. Em oposição às perversidades cometidas neste período relatado, surgiram movimentos de contestação pelo restabelecimento da democracia brasileira. A "democracia em vertigem" [21], configurada desde 2016, com o

[18] https://www.cartacapital.com.br/politica/o-plano-dos-bolsonaristas-apos-os-atos-de-terrorismo-em-brasilia/

[19] https://www.cartacapital.com.br/opiniao/o-alerta-de-sueli-carneiro-para-a-ascensao-do-nazifascismo/

[20] https://www.cartacapital.com.br/politica/moraes-afasta-o-governador-do-df-e-determina-a-dissolucao-de-acampamentos-golpistas/.

[21] https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-socio/8-documentarios-para-entender-o-colapso-da-democracia-brasileira/

golpeachment[22] da ex-presidenta Dilma Rousseff, foi se arrastando e rolando em um precipício espinhoso.

Com as eleições presidenciais de 2022, a esperança renasceu e uma estrela voltou a brilhar. O movimento "Lula Livre" [23], pela liberdade do maior líder político da América Latina, Luiz Inácio Lula da Silva, o qual ficou preso por 580 dias na Polícia Federal de Curitiba, desencadeou uma corrida pela recuperação da dignidade do povo brasileiro. Resistindo, bravamente, aos mandos e desmandos de um governo genocida e corrupto, presenciamos a queima e devastação das florestas, a liberação dos agrotóxicos, o projeto de extermínio dos povos indígenas, o menosprezo à arte e à cultura, a asfixia da saúde pública, a legitimação do garimpo ilegal, a atuação das milícias, a criação de monstros e monstruosidades, em nome de "Deus, pátria, família e liberdade[24]".

Esta mesma necropolítica brasileira, personificada na figura nefasta de Bolsonaro, a mesma do prefeito Tony Júnior, que levava os caixões para Bacurau, riu, em rede nacional, dos quase 700 mil mortos pela covid-19. Muitas destas vítimas poderiam ter sido salvas, se não tivesse ocorrido o atraso na compra das vacinas, sem mencionar o contexto da investigação das vacinas superfaturadas. Os caixões do povo brasileiro foram muitos deles enterrados em covas rasas por coveiros, que, com certeza, não eram o presidente, como ele mesmo fez questão de ironizar: "E daí...eu não sou coveiro".

Sobre os caixões, sobre os números frios da pandemia, jorraram as lágrimas de pais, mães, filhos, arrimos de família que lamentaram as mortes de profissionais de saúde, artistas, jornalistas, professores, mulheres, homens, crianças, idosos, pretos, índios, brancos, homossexuais e demais cidadãos que foram desrespeitados em sua dignidade e em seus direitos.

Desta forma, nesta analogia cruel, como não comparar Tony Júnior com Bolsonaro? Como não comparar Michael, o alemão nazista e forasteiro do filme *Bacurau*, com Bolsonaro? Como não comparar a liderança carismática de Lunga, o cangaceiro desconstruído de Bacurau, com Lula, um metalúrgico, nordestino, que

[22] https://www.cartacapital.com.br/politica/golpe-contra-dilma-foi-uma-aberracao-juridica-que-iniciou-escalada-fascista-diz-grupo-de-puebla/

[23] https://revistaforum.com.br/politica/2022/3/4/lula-livre-volta-aos-tribunais-contra-dallagnol-delcidio-amaral-eduardo-bolsonaro-110988.html

[24] https://revistaforum.com.br/debates/2022/11/2/revoluo-fascista-informao-derrota-provisoria-da-morte-por-tarso-genro-125914.html

ajudou a fundar o maior partido político da América Latina[25], que resistiu e lutou contra o *lawfare*[26], obtendo sua liberdade, recuperando seus direitos políticos, e sendo eleito, pela terceira vez, presidente do Brasil, democraticamente[27], contra todas as adversidades e a máquina do Estado?

Em Bacurau, falar de Lunga é ressaltar a força de uma personagem que empunhava sua peixeira, assim como um idealista faz reverberar suas ideias. Afinal, como sempre diz o presidente Lula, parafraseando Che Guevara, “os poderosos podem matar uma, duas, três flores, mas jamais conseguirão deter a primavera inteira”.

Esta mesma frase foi um grito contra o ódio e intolerância que tentaram esfacelar a democracia brasileira nos últimos quatro anos. Este pensamento de luta e resistência guiou a maioria da população na escolha de outro rumo para o nosso país, através da eleição do presidente Lula. E será esta mesma sinergia que continuará combatendo o fascismo, que ainda aterroriza e oprime as mentes daqueles que insistem em consumir ideologias antidemocráticas e golpistas em forma de “supositório tarja-preta” e sem prescrição médica, porém, com o aval de influenciadores digitais bolsonaristas, líderes religiosos pentecostais, e, até mesmo, políticos eleitos por essa mesma população, além de militares saudosistas do Regime Militar, que cultuam o cruel Carlos Alberto Brilhante Ustra, dentre outros personagens cruéis da nossa recente história.

Invisibilidade social - Bacurau no mapa

Descrevendo novamente algumas cenas do filme, deparamos com o professor Plínio, tentando mostrar Bacurau no mapa para seus alunos, na parte externa da escola. Provido de um aparelho, que parece ser um tablet, ele não encontra Bacurau geograficamente, nem mesmo na lousa interativa na sala de aula. Estas cenas demonstram que Bacurau tem uma comunicação tecnológica, via internet, que

[25] https://www.osguedes.com.br/2023/02/08/pt-celebra-43-anos-como-maior-partido-de-esquerda-da-america-latina/

[26] Uso do aparato jurídico e da manipulação das informações pela mídia, como arma de guerra: https://lawfarenuncamais.org/

[27] https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Dezembro/presidente-do-tse-afirma-que-lula-foi-eleito-para-governar-para-todos-os-brasileiros

conecta a realidade da comunidade com o sistema capitalista e o contexto da globalização, apesar de viver à margem dela, sem a infraestrutura que garante aos seus moradores seus direitos sociais.

Fazendo um paralelo nesse contexto, recorremo-nos ao geógrafo brasileiro, o renomado Milton Santos, em sua exposição no documentário “O mundo Global visto do lado de cá”.[28] O audiovisual do cineasta brasileiro Sílvio Tendler, discute os problemas da globalização sob a perspectiva das periferias (seja o terceiro mundo, seja comunidades carentes). No documentário, Milton Santos fala sobre o termo criado por ele, o globaritarismo, designando uma nova ordem mundial.

Outro contexto apresentado no documentário é a divisão de dois mundos configurados pela Globalização: um onde vivem aqueles que têm fome, e outro onde estão aqueles que não dormem com medo dos que têm fome. Essa divisão estrutural, sociopolítica e cultural, pode ser analisada tanto em Bacurau, quanto na realidade brasileira. A globalização em que vivemos, segundo o documentário, é a segunda. A primeira globalização foi na época do Brasil-Colônia. A segunda globalização se mantém através dos meios de comunicação e se caracteriza pela internacionalização dos países no meio cultural, econômico e político. Segundo Milton Santos, a tecnologia que alcançamos hoje é capaz de dar vida digna a todos, porém, também diz que o Estado tem seu papel nessa tarefa de dar dignidade através de vias democráticas. Essas críticas feitas no documentário apontam para um sistema econômico mais estatista e intervencionista, onde trechos do documentário mostram manifestantes que protestavam contra privatizações em geral, inclusive da distribuição de água. Parte dessas reflexões também são expostas por Milton Santos no livro “O espaço do cidadão”. (SANTOS, 1987) [29]

O mundo global atinge Bacurau. Estas percepções podem ser contextualizadas na historiografia brasileira, no processo de invasão às terras *brasilis e* na invasão dos forasteiros no filme, que se apresentam com ares de dominadores.

[28]Para assistir O mundo global visto do lado de cá, acesse o link: https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM&t=6s

[29].Ouça o Podcast sobre este assunto, postado no meu canal do youtube, produzido para a disciplina Fronteira e Região, da pós-graduação em Cultura, identidade e Região da UEG. Neste trabalho, exponho temáticas sobre o livro O espaço do cidadão, de Milton Santos, com reflexões sobre a globalização, nas quais podem ser feitas algumas analogias que este artigo: https://youtu.be/NLfuhzyj45E

Building the way

As contestações no documentário contra a privação da água, também se apresentam em Bacurau, como já relatado. Mas Bacurau tem internet, tem energia elétrica e tem um sistema de comunicação através dos celulares dos moradores, o que na nossa realidade são as redes sociais e aplicativos de mensagens.

Mas voltando à cena relatada no início deste tópico, o professor Plínio recorre ao desenho do mapa da pequena comunidade, afirmando aos seus alunos que sim, Bacurau sempre esteve no mapa. Sobre Bacurau estar no mapa, vale uma referência sobre o termo "Bacurau no mapa" [30]. Após o lançamento do filme, foi produzido um documentário contendo o *making off,* mostrando as gravações e pré-produção de Bacurau, focalizando o contexto dos atores e figurantes dos Sertões do Seridó, no Rio Grande do Norte, que participaram do filme.

Na sequência, vemos a cena dos forasteiros brasileiros, chegando em Bacurau com suas motos e roupas ridículas coloridas. Na famosa cena em um bar da comunidade, alegando serem turistas de passagem, a mulher forasteira coloca um equipamento debaixo de uma mesa, o qual faz o sinal de internet cair. Nesta mesma cena, há a curiosidade sobre o nome da cidade. A seguir, segue um trecho do diálogo entre os forasteiros e a dona do bar: "Quem nasce em Bacurau é o quê heim?" O menino na cena responde: "É gente!" [...] E Bacurau o que que significa? É um pássaro. Passarinho?" E a dona do bar responde: "Um passarinho não, é um pássaro. É um pouco maior, entende? Mas tá extinto já né? Aqui não. Mas aqui ele só sai de noite, ele é brabo."

Nestes trechos destacados, percebemos a referência ao pássaro bacurau, já mostrada na música "Bichos da noite", e o aviso da dona do bar de que bacurau é "brabo", assim como o povo de Bacurau, que não devem ser subestimados, e nem diminuídos, inferiorizados.

Vale ressaltar também a belíssima cena do morador de Bacurau, o Carranca (Rodger Rogério), o "cancioneiro dos sertões de Bacurau" [31], com seu instrumento de corda, entoando seu repente improvisado, quase numa perseguição lúdica, configurando uma afirmação das raízes culturais sertanejas nordestinas, representando a força cultural de um povo, ignorando o capital extraterritorial dos falsos turistas e criticando o modo de vida do Brasil do Sul: "[...] esse povo do sudeste

[30]Para assistir Bacurau no mapa, acesse: https://www.youtube.com/watch?v=x1N6I0JlUqU .

[31]https://www.ensaiocritico.com/post/carranca-o-cancioneiro-do-sertao-de-bacurau

não dorme nem sai no sol. Aprender a pescar peixe sem precisar de anzol. Se acham minhó que os outros, mas ainda não entendeu que São Paulo é um paiol."

Traçando outra analogia com a realidade brasileira, esses mesmos turistas sulistas, exploram as riquezas naturais do Nordeste, consomem sua cultura, gastam seu rico dinheiro, passando suas férias na região, mas, ao mesmo tempo, os chamam de "paraíba", negam sua consciência política e força histórica, como ocorreu nas eleições de 2022. Neste contexto, recordemos o impacto dos milhões de votos da população nordestina[32] atribuída ao presidente Lula, fato que desencadeou uma onda de discursos de ódio, xenofóbicos e racistas[33].

Na cena final dessas sequências, a queda da internet é percebida pelos moradores, devido a uma fala da forasteira, que estranham o fato e desconfiam dos visitantes inesperados. Além disso, os forasteiros são convidados novamente a conhecerem o Museu Histórico de Bacurau. "Vocês vieram conhecer o Museu foi? Museu? Museu de quê? De Bacurau! É bom esse museu! É aqui do lado". Convite que foi ignorado, para o azar deles.

Opressor e oprimido

Outras cenas importantes também merecem destaque. O carro pipa chegando em Bacurau crivado de balas, a perseguição do *drone*, com aparência de disco voador, à Damiano que conduzia sua moto, os assassinatos dos moradores da fazenda e dos dois moradores da comunidade que foram averiguar a fazenda, além do diálogo dos forasteiros brasileiros que, na sequência, foram abatidos sem piedade pela equipe dos caçadores estadunidenses. Estando a serviço do líder Michael, os forasteiros sulistas reafirmaram que não eram como os moradores de Bacurau, afinal, eram do Brasil do Sul, civilizados e brancos como os estadunidenses. O questionamento racista por parte dos forasteiros desencadeou na cena do assassinato, sendo contabilizado pelos caçadores que, explicitamente, estavam em uma competição esportiva. Antes da conclusão desta cena, vale transcrever o diálogo cruel, em inglês, tenso, travado entre eles: "[...] vocês não são brancos. Eles são

[32] https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/com-eleicao-de-lula-nordeste-soma-19-anos-governando-pais

[33] https://www.brasildefato.com.br/2022/10/07/xenofobia-contra-nordestinos-revela-forte-racismo-no-brasil-dizem-especialistas.

brancos. Sabe de uma coisa? Eles me que parecem brancos, mas não são. Os lábios, o nariz dela entregam. Tá vendo? Eles estão mais pra mexicanos.”.

Esse diálogo contextualiza o racismo exposto e o chamado complexo de vira-lata, no qual caracteriza o sentimento de inferioridade e subserviência que o brasileiro tem com relação à cultura estadunidense. Marcia Tiburi, em seu livro “Complexo de vira-lata”, faz uma análise sobre a humilhação colonial, descrevendo vários fatores que nos remete à subjetividade da temática. A humilhação foi inferiorizada pelas pessoas e institucionalizada em nível social e político, por meio da colonização, que não é apenas coisa do passado. Ela sustenta a guerra de classes dos ricos contra os pobres e explica a submissão e a obediência de todos diante das injúrias até hoje.

Ainda no contexto desta análise, é importante mencionar a referência teórica de Haesbaert (2021) que menciona o preconceito, decorrente do violento processo de colonização da América:

> É nesse contexto de “diferenças irredutíveis” a uma mestiçagem sintetizadora/ conciliadora que se colocam hoje todas as múltiplas trincheiras de resistência, com destaque para as políticas de inclusão e lutas por afirmação e reconhecimento identitário, em uma “América Latina” onde a colonialidade sempre propagou os mais perversos racismos, ao mesmo tempo em que criou os mais ardilosos subterfúgios para invisibilizá-los e/ou “mestiçá-los”. É de outra mestiçagem, portanto, que se trata, com todos os riscos que esse termo implica. (HAESBAERT, 2021, p. 86)

Neste entendimento, o passado colonial brasileiro ainda vive no racismo estrutural, no preconceito sociolinguístico, no menosprezo à cultura nacional, na supervalorização da cultura estadunidense e europeia, na xenofobia regional, na intolerância religiosa, dentre tantos outros fatores sociais, políticos, econômicos e mercadológicos.

Ainda neste contexto dos opressores e oprimidos, ressalta-se a cena nos forasteiros atacando Damiano e sua companheira. Chegando sorrateiramente, eles ateiam fogo à palha que cobre a cabana, mas são recebidos a bala, antes que possam reagir. A explosão da cabeça do forasteiro, segundo algumas críticas, representou um excesso de violência. No entanto, se analisarmos metaforicamente a cena, percebemos um simbolismo que passa longe do complexo de vira-lata, descrito anteriormente. A afirmação da ancestralidade, das raízes culturais dos povos

indígenas, do culto à natureza e da resistência à dominação foram quase que literais, um tiro na cara da sociedade contemporânea.

Damiano estava tranquilo em sua estufa, cuidando de suas plantas, cultivando, entre elas, as sementinhas de Bacurau, nu e indefeso. A defesa do lugar, da sua moradia, do seu território, tornou-se urgente e se deu de forma astuta, talvez pela sua conexão com a natureza. Ele e sua companheira ainda deram uma chance para a forasteira sobreviver, apesar de muito ferida. Eles perguntam: "você quer viver ou morrer?" Por que você está fazendo isso?" A resposta da forasteira também é repleta de significado: "Eu não quero morrer. Eu não sei". Vítima de sua própria emboscada, a estadunidense armada não conseguiu nem atacar primeiro, o que nos leva a discussão contemporânea do porte de armas e da violência urbana. Sem imaginar que seria surpreendida no seu jogo de matar pessoas, a forasteira ainda recebe a misericórdia de Damiano, que lhe dá uma sementinha.

Outra cena emblemática é a recepção de Domingas à Michael, quando ele procurava pelos forasteiros. O guisado e o suco de caju oferecidos sobre uma mesa, a céu aberto, ao som de uma "música americana" [34], nas palavras de Domingas, demonstrava a hospitalidade ao visitante, mesmo que estando ciente de que ele não estava ali com boas intenções.

Nesta cena, pode-se compreender a riqueza cultural de nossa alimentação, que nem sempre é valorizada, sendo que, muitas vezes, é substituída por sanduíches de marcas estadunidenses. Talvez também seja por isso que Michael, derruba a mesa com os alimentos. Mas o diálogo entre os dois transcorreu em torno da procura de Michael pelos seus seguidores. Após vestir seu jaleco cheio de sangue, Domingas relata que a mulher havia morrido, apesar de tentar salvá-la. Esta cena tem um detalhe interessante. Durante o diálogo, Michael ameaça Domingas com uma faca, e diz: "Há tanta coisa que se pode fazer com uma faca..." De fato, as armas brancas deixam milhares de vítimas todos os dias no Brasil contemporâneo, principalmente se nos referirmos aos feminicídios causados por homens opressores e cruéis. Facas também podem destruir obras de arte, como um painel de Di Cavalcante[35]. Mas, o uso de facas

[34]Trata-se da música True, na tradução, Verdade. A letra é bem significativa: «Com uma emoção na minha cabeça e uma pílula na minha língua, dissolvo o nervosismo que acabou de começar(...) eu quero que a verdade seja conhecida».

[35]Obra de arte violada com uma faca nos atos terroristas no dia 8 de janeiro de 2023 em Brasilia : https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/01/08/obra-de-artista-com-pecas-avaliadas-em-mais-de-r20-milhoes-e-destruida.htm

também promove mudanças políticas, principalmente se forem arquitetadas sob a estratégia de uma fakeada[36].

Morte de inocentes

Uma das mais chocantes do filme é a morte de uma criança que brincava com seus amiguinhos. A sangue frio, um dos forasteiros usou uma pistola silenciadora e ainda contabilizou o abatimento. Na sequência, a energia de Bacurau é cortada, o que causa estranheza e preocupação entre os moradores. E Lunga diz: “A gente tá sendo atacado”. Ao perceberem o ocorrido, há uma comoção geral na comunidade. A mãe carrega a criança nos braços e a população a acompanha.

Na realidade brasileira, a analogia pode ser feita de várias formas. O apagão energético em Bacurau, pode representar a “escuridão”, o descaso social, que assolou a nossa história, desde tempos remotos. A morte da criança no filme representa a morte de centenas de crianças e adolescentes, os quais morrem todos os dias, por balas perdidas, no fogo cruzado entre polícias, milícias e traficantes[37]. E como não mencionar a morte de crianças do povo indígena Yanomami, em Roraima[38]? Vítimas do descaso da necropolítica, mencionada anteriormente, crianças, mulheres e homens foram negligenciados pelas autoridades governamentais e militares, em nome da ganância e do poder político[39]. Cenas chocantes ganharam o mundo, sendo comparadas ao holocausto dos judeus na Segunda Guerra Mundial.

Mas tudo ocorreu nos céus do Brasil, o mesmo que dizimou os verdadeiros donos dessas terras, há mais de 1500 anos. O mesmo que foi o último a desacorrentar escravos e seus descendentes vindos da África. O mesmo que ainda transforma camburão em navio negreiro[40]. O mesmo que torturou e matou homens, mulheres e crianças na ditadura militar[41]. O mesmo que transformou os desastres ambientais de

[36]Existem dúvidas sobre se a facada em Jair Bolsonaro, em setembro de 2018, foi uma mentira armada, daí o temo fakeada: https://www.brasildefato.com.br/2021/09/15/documentario-mostra-que-10-perguntas-sobre-facada-em-bolsonaro-permanecem-sem-resposta-ate-hoje

[37]https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2022/A-viol%C3%AAncia-armada-contra-crian%C3%A7as-e-adolescentes-no-pa%C3%ADs

[38] https://amazoniareal.com.br/criancas-yanomami-2/

[39] https://amazoniareal.com.br/tragedia-humanitaria/

[40]https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/01/golpe-de-64-17-livros-que-contam-o-horror-da-ultima-ditadura-brasileira.htm

[41] https://www.cnj.jus.br/o-encarceramento-tem-cor-diz-especialista/

Mariana[42] e Brumadinho[43] em mares de lama, vitimando centenas de inocentes, poluindo seus rios e impactando socialmente milhares de pessoas.

Mais uma cena impactante, revela-se na morte de dois moradores que resolveram fugir de Bacurau, no meio da noite, aterrorizados com os assassinatos. Estes foram metralhados covardemente e seus algozes, uma dupla dos forasteiros estadunidenses, ainda comemoraram as baixas e as pontuações alcançadas, fazendo sexo no meio do mato. Ao relembrar essa cena, é possível fazer uma reflexão sobre a maldade humana, dentre tantas apresentadas no filme. Em 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro, um carro foi metralhado, também deixando duas vítimas fatais. Nele estavam a vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, e uma assessora que sobreviveu, em uma emboscada cruel, que tinha como alvo a líder política. Mãe, mulher, negra, lésbica, da Favela da Maré, atuante na Câmara dos Vereadores do RJ, Marielle Franco travava uma guerra contra as milícias, inclusive com o clã dos Bolsonaros. A pergunta ainda ecoa em todo planeta: quem mandou matar Marielle[44]????

A sementinha

Muitas indagações foram feitas na época em que o *Bacurau* ganhou as telas de cinema. Afinal, o que era aquela sementinha? Acompanhei várias discussões no *Twitter* e no *Youtube* sobre o assunto. Chamado pelo professor Plínio de “poderoso psicotrópico”, a sementinha era um regulador de humor natural, algo que também fazia parte da identidade cultural dos moradores. Em alguns momentos, abrandava a dor do luto, como ocorreu com Teresa, que voltava para Bacurau e precisava se integrar novamente à comunidade. Em outros momentos, eram como gotas de coragem, elixir para almas sofridas que precisavam lutar para se defenderem. Cheguei a ver relatos que a sementinha poderia ser coentro, representando um tempero muito utilizado no Nordeste, ou então, semente de moringa, que corta a sede. A sementinha tinha uma conotação mais imaterial do que material, alicerçada na subjetividade dos moradores de Bacurau, contra o Brasil do Sul.

[42] https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/
[43] https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/barragem-de-brumadinho/
[44] https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-02/acusado-de-matar-marielle-franco-e-expulso-da-policia-militar-do-rio

Trazendo a sementinha para a realidade brasileira, ela pode ser interpretada como esperança, uma escolha política através do voto, o bom senso, a dose de empatia que todo ser humano precisa ter, um antídoto contra a desumanidade, o combate às *fake news*, o resgate da cultura, a luta contra o desmantelamento do cinema nacional, a valorização das nossas plantas medicinais, da homeopatia, da fitoterapia, do meio ambiente, da saúde mental restaurada sem o domínio da indústria farmacêutica[45], e, até mesmo, a defesa da *cannabis* medicinal[46].

Lunga, o Museu Histórico de Bacurau e a Escola Municipal João Carpinteiro

A personagem de Lunga já foi mencionada anteriormente, mas vale ressaltar a sua importância na trama. Relembrando o início do filme (roda a vinheta do flashback produção!), Lunga estava foragido. Pela sua captura, ofereciam uma recompensa, cena apresentada quando Teresa estava chegando em Bacurau no caminhão pipa. O Brasil do Sul estava à caça de Lunga. “Denuncie já. Garantimos seu anonimato. Procura-se. Adilson Santos do Nascimento. Vulgo Lunga.” Este, escondido das autoridades, recebe a visita de Pacote (o ex-matador de aluguel que tentava sair da vida do crime), que lhe mostra as primeiras vítimas dos forasteiros.

Em uma fala de Lunga, fica caracterizado um desejo de acerto de contas, de lutar contra a injustiça e da sua busca pela liberdade. Afinal, Lunga estava tentando defender o povoado contra a privatização da água. Lunga diz: “Eu tô com fome”. Podemos entender esta frase de forma literal, ou na representatividade dos milhares de brasileiros que voltaram ao mapa da fome no Brasil, durante os 4 anos de governo do ex-presidente Bolsonaro[47].

Lunga retorna a Bacurau com ares de herói, com visual de luta, um Lampião descontruído, maquiado, com unhas postiças e apliques no cabelo e que faz as sobrancelhas. O cabra macho que se monta para a batalha e tem o respeito da

[45] https://www.alass.org/wp-content/uploads/poster_3-38.pdf
[46] https://www.metropoles.com/distrito-federal/projeto-quer-autorizar-plantio-de-maconha-no-df-para-uso-medicinal
[47] https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos

comunidade, em alusão à Guimarães Rosa, em “O Grande Sertões Veredas”, Lunga poderia ser a Diadorim[48] da distopia.

Ao ser transportado para a realidade brasileira, Lunga combate a homofobia (Inclusive o ator Silvero Pereira é um militante desta luta), os crimes contra os LGBTQIA+[49], o preconceito que ainda assola a nossa sociedade hipócrita. No filme, Lunga não está sendo procurado pela sua sexualidade ou por seu gênero, e sim, por ser um transgressor da ordem pública, da “ordem e progresso” distópica. Se o entregassem às autoridades, talvez Lunga seria assassinado no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, realidade exposta no filme através de uma transmissão de tv: “Execuções públicas recomeçam às 14h”. Na realidade brasileira, remetemos às lutas de movimentos sociais do passado e do presente, relembrando as vítimas de injustiças sociais, políticas, educacionais, ambientais e culturais, dentre elas Zumbi dos Palmares[50], Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes[51], Vladimir Herzog[52], Zuzu Angel[53], o indígena Galdino[54], Chico Mendes[55], Dorothy Stang[56], Bruno Pereira[57], Dom Phillips[58] e tantos outros que foram mortos em território nacional.

Uma das cenas mais representativas do filme acontece no Museu Histórico de Bacurau. Carregado de história e memória da comunidade, o Museu, localizado no coração do povoado, é a expressão mais viva da identidade cultural daquele lugar. As cenas em que o primeiro forasteiro entra no Museu, revelam ao espectador fotos e artigos de jornais, a produção da cultura material daquele povo, imbuída de simbolismos e subjetividades. No jornal Diário de Pernambuco, estampado na parede,

[48] Diadorim representa a presença da dualidade também. Ele é, simultaneamente, a representação do masculino e do feminino, do celeste e do demoníaco, da certeza e da dúvida. Suas características impressionavam Riobaldo e exerciam sobre ele muita admiração.

[49] https://conteudo.fundobrasil.org.br/lp-direitos-lgbtqia?gclid=CjwKCAiA_6yfBhBNEiwAkmXy57aggU9SM_gvFgKQSxRUmFuWkYB59sr9-pAv3sAJCc-PonIcVk4l1BoCJA4QAvD_BwE

[50] https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/zumbi-dos-palmares.htm

[51] https://brasilescola.uol.com.br/biografia/tiradentes-biografia.htm

[52] https://vladimirherzog.org/

[53] https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/zuzu-angel/

[54] https://www.brasildefato.com.br/2022/04/20/25-anos-da-morte-de-galdino-assassinos-estao-na-elite-do-funcionalismo

[55] https://www.wwf.org.br/?81068/Chico-Mendes-Conheca-a-historia-do-maior-lider-ambientalista-do-Brasil

[56] https://www.brasildefato.com.br/2023/02/12/dorothy-stang-apos-18-anos-do-assassinato-da-missionaria-quadro-de-inseguranca-nao-mudou

[57] https://amazoniareal.com.br/relatorio-da-cte/

[58] https://amazoniareal.com.br/emboscada-vale-javari/

a manchete era: “Coiteiros de Bacurau são alvos de volante”, uma reportagem fictícia sobre o cangaço em Bacurau. Havia também espaços vazios onde ficavam as armas de antigos invasores. E estas mesmas armas serviram para a defesa dos moradores. E é ali, que parte dos forasteiros são aniquilados pela peixeira e arma em punho de Lunga e seus companheiros de luta. As cabeças cortadas, remetendo novamente à simbologia do cangaço, exorcizaram a revolta contra a invasão do opressor.

Após o rolar das cabeças, estas são postas em frente à Igreja de Bacurau, enquanto os moradores fazem seus registros com seus celulares. E por falar na Igreja, esta aparece no filme apenas como um depósito, para guardar utilidades e utensílios. Fenômeno inerente à cultura humana, as religiões se configuram como um conjunto de sistemas culturais e crenças. Mas em Bacurau, não há uma autoridade religiosa, uma religião como instituição social, demonstrando que a comunidade expressa sua fé através da essência da palavra religião: *religare*, união. E este é o sentido da ausência de uma religião explícita em Bacurau, apesar de vermos símbolos do cristianismo e o desejo de um morador, demonstrado no diálogo com a médica e o professor: “Eu queria reabrir a igreja. Mas Sr. Antônio, a igreja nunca foi fechada não. Eu pensei que preferia o depósito Sr. Antônio, mas se faz bem pro senhor, faz bem pra todo mundo.”

Da mesma forma, não há no povoado uma autoridade policial, já que, em uma determinada cena, aparece uma viatura da polícia cravada de tiros, abandonada em um matagal, além da comunidade não reconhecer a autoridade do Estado, como mencionado anteriormente.

Na cena da limpeza do Museu, em que os moradores estão lavando o chão, repleto do sangue dos invasores, a orientação dada é bem explícita para não retirarem as marcas das mãos de sangue das paredes. Compreendemos, desta forma, que o Museu de Bacurau é vivo e precisa continuar sendo um símbolo de resistência e memória histórica. Traçando um paralelo com a realidade brasileira, mencionamos novamente os atos terroristas cometidos por bolsonaristas na Praça dos Três Poderes, em que valiosas obras de artes foram atacadas[59], na tentativa de destruição da cultura do país. As peças artísticas continuarão expostas nos palácios invadidos, algumas restauradas, mas outras permaneceram com as marcas da violência, em um memorial, para imortalizar a vergonha e o descaso que representou toda a gestão do

[59] https://artrianon.com/2023/01/09/obras-de-arte-vandalizadas-em-invasao-a-praca-dos-tres-poderes/

governo Bolsonaro. Na fala da Ministra da Cultura do Governo Lula, Margareth Menezes, “o MinC e Ibram trabalharão unidos pela valorização das memórias e expressões do nosso povo” [60]. A democracia foi atacada, mas continua resistindo.

Paralela à cena do Museu Histórico de Bacurau, o filme apresenta mais um símbolo de resistência, a Escola Municipal João Carpinteiro, que oferece aulas de música e cultivo de plantas, em um ônibus escolar desativado, o ônibus horta, estacionado na frente da escola. Uma parte dos moradores enfrenta dois dos forasteiros que atiram contra as janelas da escola. No confronto, os invasores morrem e a escola sobrevive, mas com algumas baixas. Mais uma vez, como dito anteriormente, a luta armada no filme representa a resistência por uma educação de qualidade, pelo respeito aos estudantes e professores, pela atenção a uma formação profissional com dignidade.

Ecos da resistência: sem anistia

Deixei para mencionar o líder dos forasteiros por último, mesmo porque, a cena final gira em torno dele. Sedento em seu safári humano e o desejo de extermínio, por diversão, Michael se posiciona, com sua arma, em um ponto estratégico do povoado, tendo uma visão panorâmica da única rua de Bacurau, como um *sniper*. Além de matar seus próprios companheiros e os prestadores de serviços que foram entregar os caixões já encomendados, o filme sugere que Michael também acaba matando um cachorro que agoniza em um grito de dor, após ouvirmos tiros a esmo. Após presenciar a morte do restante de seu bando, Michael, o alemão-estadunidense-nazista, em uma referência ao suicídio de Adolf Hitler, pretende tirar a própria vida.

Antes que a ação seja concluída, com um tiro na própria boca, eis que surge a figura espiritual de Dona Carmelita. Para algumas interpretações, a matriarca de Bacurau, espiritualmente, o distraiu, com a finalidade da sua rendição por um morador, que já estava à espreita. Em outras análises, Michael teve uma visão, após ter sua mão espetada por um espinho da vegetação nativa. Desta forma, teria a natureza estabelecido uma simbiose com os moradores de Bacurau, contra-atacando o

[60] https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/margareth-menezes-memorial-ataque-relogio-seculo-17-perdido/

invasor? Ou teria sido a força espiritual de Dona Carmelita, em defesa do seu território, da identidade cultural da comunidade e da vida de seu povo?

Nas cenas finais do filme, vemos a rendição de Michael, a certeza da conivência do prefeito de Serra Verde com os forasteiros assassinos, os moradores saindo da escola após o tiroteio, além daqueles que estavam escondidos no buraco cavado no centro de Bacurau, plano arquitetado por Lunga. Uma cena importante também nos é apresentada: a narração dos nomes dos moradores mortos no confronto. Nesta lista, aparecem três nomes reais: Marielle, em referência à vereadora Marielle Franco, Marisa Letícia, em referência à segunda esposa do presidente Lula, falecida em fevereiro de 2017, e João Pedro Teixeira, líder da luta agrária, assassinado por pistoleiros a mando de grandes latifundiários no início da década de 1960. Ele, o "Cabra marcado para morrer" [61], de Eduardo Coutinho, liderava as Ligas Camponesas, movimento social nascido no Nordeste brasileiro para ajudar a enterrar, num caixão e não mais numa simples mortalha, os que morriam.

Assim, Tony Júnior tem seu destino traçado, sendo colocado em cima de burrinho, amarrado, só de cueca, com uma máscara de demônio. Pacote coordena o castigo do prefeito corrupto, e o solta nos sertões da região. Michael, assistindo à cena, hipocritamente, ainda diz: "Tanta violência". Na sequência das cenas, existe um diálogo interessante. Uma moradora diz: "Eu acho que ele já foi uma boa pessoa" (referindo-se a Michael). "Não acha Domingas?" E Domingas diz: "Já teve mãe." Esta talvez seja a cena que, sutilmente, tenta humanizar Michael, deixando uma pergunta no ar: em que momento da vida um ser humano se torna um genocida ou um psicopata, banalizando a maldade e a crueldade, normalizando as mortes de inocentes?

Na sequência, os moradores engolem novamente a sementinha e todos olham para o buraco construído no lugarejo. Michael, sob a mira de várias armas diz: "Nós matamos mais gente do que imaginam." Desta forma, Michael é enterrado vivo, mas antes, grita em tom raivoso: "Isso é só o começo." A promessa de Michael nos faz refletir que "safaris humanos" talvez ainda continuem a existir e que as representações sociais explícitas em Bacurau continuarão a resistir. Neste contexto, vale uma reflexão de SOUZA (2019) sobre fascismo e futuro:

[61] https://www.youtube.com/watch?v=VxzgLPyLIf4

> A marginalização de grupos minoritários e a violência aberta e disseminada, contaminando a sociedade como um todo, são as consequências inevitáveis de todo fascismo. Depois da tragédia do nazifascismo europeu, imaginou-se, durante um bom tempo, que o mundo estaria livre de ideologias que pregam abertamente o racismo e o ódio indiscriminado. No mundo atual, no entanto, seja em países desenvolvidos, seja em países periféricos, a ameaça de uma nova forma de política do ódio, muito semelhante em vários aspectos ao fascismo clássico, é um perigo cada vez mais iminente. (SOUZA, 2019, p. 252-253)

O filme termina ao som de outro clássico, "Réquiem para Matraga[62]" (1966), de Geraldo Vandré, recorrendo novamente ao Tropicalismo, com o significado de resistência e luta por justiça social, por uma vida, mesmo que essa seja interrompida, sem temer o opressor, gritando contra o silêncio imposto, abrindo caminhos para novas lutas, novos lutadores, novas vidas: "Vim aqui só pra dizer/ Ninguém há de me calar/Se alguém tem que morrer/ Que seja pra melhorar/ Tanta vida pra viver/ Tanta vida a se acabar/ Com tanto pra se fazer/ Com tanto pra se salvar [...]"

Nos caracteres finais do filme, a frase, "A realização e distribuição desse filme gerou mais de 800 empregos diretos e indiretos. Além de ser a identidade de um país, a cultura é também indústria". A mensagem é uma clara referência ao conceito de indústria cultural, de Walter Benjamin[63].

Considerações finais

Bacurau com certeza é um filme que incomoda, que fala de diversidade e força. O heroísmo encontrado, em diversos personagens de *Bacurau*, apresenta-se como uma criação moldada na resistência. Um convite para visitar a nossa história brasileira em uma distopia não muito distante de acontecer, que conversa com a realidade do Brasil, através de metáforas.

Bacurau vai além de suas trilhas musicais, mensagens representadas nas cenas, nos diálogos e nos símbolos da cultura e da educação. Retrata a questão política, corruptiva, hipócrita, neoliberal e nazifascista. Uma crítica fervorosa ao armamentismo e à política de falso assistencialismo. Uma das mensagens que o filme

[62] Disponível em: https://open.spotify.com/track/77qklaza2L7XQumLcbjD8l

[63] https://sites.usp.br/tecom/a-industria-cultural-e-a-perspectiva-de-walter-benjamin-sobre-o-cinema-como-forma-de-arte/

reforça é que devemos conhecer a nossa história. As pessoas cometem os mesmos erros por não conhecerem a sua história. A empáfia e a superioridade dos forasteiros causaram suas derrotas. Ao ser enterrado vivo, a distopia de *Bacurau*, que foi filmado em 2018, deixa um recado para o Brasil do presente: justiça contra os genocidas contemporâneos. Que todos sejam julgados e punidos. Desfecho que não ocorreu com os torturadores da ditadura militar no Brasil. Sem anistia. "Nunca mais"[64].

Outro ponto principal do filme foi apresentar a divisão de classes sociais e a desigualdade, mostrando a vida peculiar da comunidade e a divisão das tarefas de forma cooperativa. O filme também apresenta uma quebra de estereótipos e o protagonismo das personagens e atores, principalmente de mulheres e homens pretos. Mas há também o empoderamento das mulheres. Mas *Bacurau* também tocou numa ferida. Na distopia do filme, ainda há violência sexual e esta parte do político local. Qualquer semelhança, não é mera coincidência no Brasil contemporâneo[65].

Ao analisar a distopia do filme, é preciso ter um olhar atento e sensível sobre a narrativa apresentada. Por ser uma ficção, a história no filme se revela através de um povo resiliente, que se orgulha de sua identidade nordestina, convive com um descaso da administração pública e valoriza sua história, sua memória e sua cultura. A invisibilidade social apresentada em *Bacurau* pode ser analisada sob vários aspectos da realidade brasileira: nas mortes pela Covid-19, pelo genocídio do povo Yanomami, pela xenofobia ao nordestino, pelo crime de omissão política que afeta diretamente os direitos humanos. O racismo, nazismo, fascismo, também podem ser enquadrados no filme, através da perversidade do opressor.

Bacurau representa um ponto de chegada e um ponto de partida. Isso fica estampado no relato do professor Plínio, mostrando a diversidade do seu povoado. Pessoas que vivem suas próprias histórias como querem e as levam para todos os lugares do mundo, orgulhando-se de sua honestidade, afinal, em Bacurau há a carência de bens materiais, mas sobre capital humano.

[64] "Nunca Mais". Frase do advogado Julio Strassera, em sua acusação contra nove militares argentinos acusados de sequestro, tortura e assassinato durante o primeiro julgamento nas américas e o terceiro do mundo, em que militares foram julgados por um tribunal civil devido a crimes cometidos contra a humanidade. (...) E essas duas palavras, resumem bem o sentimento que ficamos ao fim do julgamento, no filme **Argentina 1985**. https://cinemacao.com/2022/10/31/nunca-mais-argentina-1985/

[65] https://www.redebrasilatual.com.br/politica/governo-bolsonaro-tem-uma-denuncia-de-assedio-sexual-por-dia/

Bacurau é um convite para aguçar a sensibilidade do espectador. Uma narrativa recheada de trilhas sonoras impactantes, compostas na época da ditadura militar, expressões artísticas como as crianças da escola tendo aula de instrumentos de sopro, o cancioneiro dos sertões com seus momentos de protagonismo e, até mesmo, os moradores jogando capoeira, memorando uma prática cultural dos escravos africanos que simulavam a diversão na Senzala, mas que, na verdade, se preparavam para uma luta contra a Casa Grande.

O que se fazer após assistir *Bacurau*? Como contribuir para mudar a realidade brasileira? Como a distopia apresentada no filme nos remete a esta reflexão, propondo uma ação em busca de um futuro que não seja distópico? *Bacurau* representa um eco do inconformismo da sociedade brasileira, pela valorização da diversidade, em busca da verdade, da igualdade e da justiça social. Uma luta constante por existir e resistir às adversidades, com resiliência. Sobreviver e viver com coragem, dignidade, empatia e paz, renovando a esperança em um Brasil que pertence a todos nós[66] [67].

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Nilo. O pensamento geográfico tradicional. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, jul.-set. 1982. p. 391-412

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução: Dominique Makins. São Paulo: Hunter Books, 2011.

ROCHA, João César de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**. Crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

[66]Posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em seu terceiro mandato: diversidade brasileira e a Resistência, sobem a rampa: https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/07/veja-momentos-desde-a-posse-em-que-governo-lula-deu-recados-sobre-diversidade.ghtml

[67]Assista a live da apresentação deste artigo, no meu canal do youtube, contendo slides com fotos, vídeos e a trilha sonora de Bacurau: https://www.youtube.com/watch?v=B9PU469N_zo&t=137s.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora Nobel, 1987.

SOUZA, Jessé. **A Elite do atraso**. Da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

FILMOGRAFIA

MENDONÇA FILHO, Kleber e DORNELLES, Juliano. **Bacurau**. Distribuição: VITRINE Filmes; SBS Distribuition; Globo Filmes; CinemaScópio; Arte France Cinéma; Canal Brasil; Símio Filmes. 2019, 131 min, son., color. Disponível em: https://www.vitrinefilmes.com.br/filme/bacurau/. Acesso em: 20 jan. 2023.